

Em 094

Germinal!

Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

ASSINATURA

Anual

10\$000

Semestral

6\$000

Os cavalheiros do Ideal

Com a consciencia livre e tran-
quila dirigimos a vista para o
brilhante porvir dos homens li-
vres sobre as planicies livres e
sobre as cordilheiras independiza-
das pela vertigem das alturas.

O pensamento sublimemente
acrativo das nossas grandiosas con-
cepções envolve a humanidade
num incessante movimento de
gravitação, remodelando-a e revo-
lucionando as suas condições de
vida, pondo ao seu alcance os in-
dizíveis prazeres da verdadeira
liberdade.

Nada impede a nossa marcha
triumfante! Ao contacto dos nos-
sos idealismos desorganizam-se os
exercitos, revoltam-se as armadas,
os povos lançam-se a insurreição
libertaria, os tiranos caem fulmi-
nados quimicamente e os templos
da ignorancia, da mentira, e da
demencia, tombam derruidos pelas
chamas crepitantes e purificadoras,
albôres da nova aurora da
redenção proletaria.

Viseira erguida cavalgamos so-
bre as leis, sobre os direitos in-
stituidos, sobre todos os privile-
gios e todas as injustiças, muito
embora a estrada que conduz ao
Mundo nôvo esteja entulhada de
baionetas e de grades de ferro,
entre as quais deixamos fragmen-
tos da nossa vida.

O capitalismo, o governo, a ma-
gistratura, os códigos, os costu-
mes, os habitos, as tendencias, os
princípios, tudo cae desmantelado
pela nossa critica racional e scien-
tifica e pela potente acção do
nosso braço invencível.

Nos campos e nos vales, nas
ruas e nas praças, nas fabricas e
nas oficinas, nas associações, nos
lares dos proletarios e dos ricos,
nos palacios régios e presiden-
ciais, nos cárceres e nos quartéis,
nos conventos, nos collegios, no
teatro, na poesia, na pintura e
na escultura, em toda parte o
nosso ideal germina, cresce e acaba
por renovar o ambiente saturan-
do-o com os perfumes da flo-
rescencia da primavera da vida.

Inspirados nos nossos princípios
as massas e os individuos ven-
cem a « sociedade », não restando
da vigorosa organização burocrá-
tica dos tempos idos selão um
conglomerado de desperdícios que
se sustenta em alicerces fictícios
actualmente em ruínas.

As autoridades divinas e hu-
manas caíram dos seus tronos,
perderam os seus prestigios; nin-
guem mais as crê nem as res-
peita; quando muito servem de
môfa dos que desejam divertir-se.

As jerárquias estão abolidas
pelo sentido comum, rejuvenecido
pela idéa de igualdade por nós

difundida como um nôvo sol
ventura, através de todos os con-
tinentes.

O patriotismo, essa coluna, a
mais formidável das modernas ins-
tituições, saltou feita pedaços
sob o impulso da fraternização
dos povos.

«Vendôme» está ai para confir-
mar essa aspiração humana.

O Munko velho toca o seu fim,
ferido em pleno coração pela nos-
sa espada de justiça.

Chegámos a esta culminancia
apesar da nossa infinita clemen-
cia, chorando quando na luta se
derramou uma gota de sangue
adversaria.

Ainda hoje falamos em violen-
cia e dinamite, e vamos ás reu-
niões ou comícios sem levar um
alfinete, e nas nossas residencias
não se encontram outras armas
que alguns livros ou jornais para
defendê-nos dos assaltos dos cos-
sacos e detetives.

Aos ataques dos regimentos de
esbirros respondemos com protes-
tos gritados em comícios ou es-
tampados nas columnas dos jornais
e dos manifestos.

A's violencias inauditas respon-
demos cantando a Marsêlhêsa re-
volucionaria.

Quando realizamos tão grandio-
sas conquistas; quando começa-
mos a apoiar o pé sobre o peito
da burguesia moribunda, por efei-
to dos nossos suavissimos golpes de
racionio, de vibrações poéticas,
e raras vèzes de força, podemos
compreender o que será quando,
alem destes pequeninos golpes rea-
lizarmos a revolução, quando os
braços dos valentes, que sabem
agir por conta propria, empunha-
rem as armas para fazer a liqui-
dação final.

Mão grado a altura a que che-
gamos, muitos cavalheiros « de
triste figura » ficaram no meio
da encosta, inanimados, tristes,
sujeitos ás ridiculas e particulares
conveniencias ou ambições de mo-
mento, porque não conheceram
as nossas conquistas.

Não sabem que combater pelo
Ideal é vive-lo; que a intangibili-
dade da propria personalidade é
a ascensão sobre o inimigo, é a
libertação constante.

Uma palavra, um passo, um
gesto de afirmação, equivalem a
outras tantas particulas de inde-
pendencia adquirida pela propria
acção.

Na acção comum ha igualdade
de potencias, e só mediante esta
acção se evita que uns alcancem
a liberdade á custa dos outros.

E nós, que nos sentimos cava-
lheiros do Ideala narquista, não

consentimos que ninguém conqui-
ste a nossa liberdade.

Não queremos avôres.

Permanentemente rebeldes e ir-
requietos, não sabemos extasiar-
mos fictando a luz ou engordando
com excesso na illa dos conven-
cionalismos enquanto os outros
marcham brandindo o ariete de-
molidor; o que sabemos é dispu-
tar a vanguarda para sentir com
mais intensidade o ardor da re-
frega e chegar sem perda de tem-
po ao pináculo das nossas glori-
osas conquistas.

Ansiamos ardentemente chegar
a vêr o meio dia do sol da Liber-
dade, e não ha obstáculos capazes
de d... a nossa carreira victo-
riosa.

FLORENTINO DE CARVALHO

A carroça da morte NA CIDADE DE SANTOS

As violencias policiaes contra os traba-
lhadores que desejam libertar-se, provocam
o convencimento da razão e da justiça da
sua causa, e este convencimento impêe os
a continuar na brecha com mais energia e
entusiasmo.

O delegado de policia quiz dar aos ope-
rarios uma lição de mestre... *anfabeto*, pren-
dendo-os, assaltando a sua séde e fazendo
aparatos de força, para que não sejam tão
audazes, tão atrevidos e não tornem ás an-
dadas, realizando comícios, sem licença, e
atacando as autoridades, as leis e as ins-
tituições.

Isto é o que a autoridade não pode sen-
sitar.

Mas os operarios, desobedientes e rebel-
des, apupam o homem da *baluta* quando
este se desespera, gesticula, ameaça, e con-
tinuam a realizar comícios, sem licença, a
protestar publicamente contra os explora-
dores e chefêtes, e contra todas as suas me-
didas de repressão,

No dia 4 corrente, os operarios realiza-
ram, sem licença da policia, na vila Matias,
um grande comicio contra a carestia da
vida.

A concorrência foi enorme.

Os oradores proferiram enérgicos e vi-
brantes discursos, protestando contra a ca-
restia da vida, contra a lei de expulsão e,
mais ainda, contra os inqualificaveis atro-
pêlos policiaes, executados á ordem do Bias,
por ocasião do comicio do dia primeiro
deste mes.

Quando o comicio estava quasi termina-
do apareceram as autoridades, accompanha-
das de numerosa força, seguida de um
CARRO DA ASSISTENCIA PÚBLICA,
certamente para perpetrar um massacre,
como aquele que o coronel Falcon dirigiu
na praça Lore em Buenos Aires, no dia 1.º
de maio 1908, derramando copiosamente o
rubro sangue proletario, para transformalo
em moedas de ouro, e deixando numero-
sas mulheres na viuvez e criança no orfan-
dade, cobertas de luto e de lágrimas, no
mais completo desamparo, para alegrar os
corações dos burguezes e recebero seus rui-
dosos aplausos.

O Bias Buêno parece pretender a gloria
de acabar com os anarquistas de Santos,
como aquêlê intentou acabar com os anar-
quistas da Argentina.

— Ou eu acabo com os anarquistas ou
eles acabam comigo — disse o coronel.

E, efectivamente, as victimas da praça
Lorea e muitas outras, foram vingadas pela
bomba de Radovisqui.

Tome nota o Bias Buêno.

Muitas vezes as mesmas causas produzem
o mesmos efeitos.

Palavras de Ferrer

Os republicanos não são re-
volucionarios; só a grêve ge-
ral fará a Revolução.

Durante os primeiros anos, quando D.
Manoel conspirava em Paris com os Mar-
tos, os Monteiro Rios e os Canalejas; quan-
do eram muitos os generais que lhe ofere-
ciam a sua espada e Sagasta e Serrano es-
tiveram a ponto de entrar na conjura, a
revolução republicana era a constante pre-
ocupação de Cánovas e seu ámo.

Demasiado honrado a sr. Ruiz Zarrilha
para duvidar da boa fé dos seus então
amigos, confiou-se a eles, e resultou o que
havia de resultar sempre, tratando-se de po-
liticos:

Que a maioria abandonou o caudillo re-
publicano para aceitar uma pasta ou um
posto elevado, que a monarchia oferece em
sinal de paz aos vividores.

E o impenitente ficou-se com os Muro,
Llano e Persi, Esquerdo, etc., todos furi-
bundos revolucionarios, porem a capa ainda
não appareceu.

Se não fosse por Asencio Veiga, Cebríao,
Mangado, Vilhacampa e mais alguns, D.
Manoel teria sido joguete durante vinte
anos de homens que só eram aspirantes a
postos rendosos, quando não especuladores
da bolsa.

Depois das revoltas de Badajoz e de
Madrid, todo o empenho de M. Campos e
Cánovas foi impedir a sua repetição, e para
tal feito dissolveu-se o corpo de sargentos,
expurgou-se do exército todo chefe ou ofi-
cial que tivesse servido com carinho a re-
pública ou fosse somente liberal.

A Monarquia poudé então dormir tran-
quila.

E tem podido depois dormir tranquila,
porque o revolucionarismo dos republicanos
consistiu em organizar comités, esperar or-
dens do Directorio, que por sua vez as es-
perava do chefe, o qual, por sua parte, con-
tinuava a esperar tudo do exército.

E o pôvô?

Na sua maioria tão cordeiro como an-
tes: ir votar, fazer coalições, retrair-se, tor-
nar a votar, procurar chefes, criando-se sem-
pre directores e amos.

Unicamente os anarquistas empreenderam
o bom caminho: despertar o valor indivi-
dual, insuuir-se com o estudo das questões
sociais, fazer prosélitos, organizar-se e fede-
rizar-se com o propósito de fazer a Re-
volução social tão depressa a propaganda
tenha dado os seus fructos em favor da
grêve geral.

Se os republicanos se tivessem unido ao
pôvô para ir á verdadeira revolução, ao
sim que nada teria servido á Monarquia a
fidelidade dos soldados, porem não o fize-
ram e agora é demasiado tarde para in-
tentá-lo.

A propaganda libertaria penetrou dema-
siado nas massas para que estas corram
de trás dos politicos de profissão, os quais
não tem meios para fazer a revolução
nem prometer mais do que já concederam
as outras repúblicas.

Porisso, os trabalhadores conscientes não
lhes fazem caso, sabendo demasiado o que
está acontecendo nas repúblicas vizinhas ou
longinquoas, convencidos também de que na
metade do tempo que os outros emprega-
ram banquetecendo e vaticinando o prazo
fixo o dia da nova victoria, eles estarão ca-
pacitados para a grande batalha.

Porém, não será revolução de nome se-
não de facto; não para eleger deputados
de Constituintes que votem novas leis, so-
fisticas todas, não para apoderarem-se de
toda a riqueza social e organizar o traba-
lho de forma que os productos sejam pro-
priedade de todos e não de uns em detri-
mento de outros, como ha de acontecer sob
não importa que governo.

Quando a burguesia veja imminente a Re-
volução social, procurará detê-la oferecen-

do a república, as 8 horas, o minimo de
salario e quantas patranhas se tenham co-
locado sobre os tapêtes dos politicos; mas,
como o fez a Revolução do ano 30 na
França, mandando a passeio o Carlo X e
as suas tardias reformas, nós os anar-
quistas, enviaremos a passeio os explorado-
res com as suas mentidas concessões.

Já não nos basta a República,
Preparemos a Grêve Geral.

ZERO.

15, fevereiro 1902

Un Paiva que não é Couceiro Ou os detractores da Anarquia

Todos os partidos, politicos ou reli-
giosos, preceituum ás multidões a obe-
diencia passiva mais ou menos disfarçada-
o respeito aos grandes e endinheirados
a Terra e o mesmo respeito ás leis e
dautoridades constituídas, estimulando-as
com promessas que nunca cumprem ou
atemorizando-as com hipotéticos e futu-
ros castigos em outra vida, que na ver-
dade não existem. Ao mesmo tempo en-
sinam-lhes que a existencia de um governo
com seus... efectivos e indispensaveis
satélites, exército, policia, armada, tri-
bunais, magistrados e carcereiros, é uma
necessidade, porque se não existisse toda
essa corja de parasitas, carrascos, assas-
sinos e ladrões, que outra coisa não são,
«nos comeriam uns aos outros». Além
disso os ricos são indispensaveis á exis-
tencia dos pobres, porque: «que seria
destes sem a existencia e generosidade
daqueles?» O capital, oh! é preciso
harmonisa-lo com o trabalho, que tanto
vale dizer irmanar pobres e ricos. Sem
o capital (dinheiro) o trabalho não é nada,
da mesma forma que sem os ricos, os
pobres nada seriam!»

Eis a esfarrapada filosofia social de
todos os politiqueros, desde o mais
absolutista e intransigente ultramontano,
até o mais demagogo e furibundo ateu!

Assim, todos esses partidarios, que são
a imagem mais perfeita da sociedade
actual, e que com suas rixas, vinganças,
roubos, assassinatos e toda especie e crimes,
constituem a mais perfeita ordem da mais
tremenda desordem, todos esses partidos
— dizem — odiam-se, combatem-se,
atraiçoam-se e fazem-se impia e cruel-
mente, sem treguas, sem descanço, sem
um momento de repouso, uma guerra
sem quartel; todos eles se fazem uns
aos outros, tremendas e justificadas acu-
sações; todos eles estão em perpetua
discordia quanto aos meios, á tactica,
aos métodos, para fazer a felicidade... —
de quem? ...do pôvô!?

Um milhão de vezes mentira! Eles se
combatem, se atraiçoam, se assassina-
m individual ou colectivamente, em sangren-
tas guerras civis, mas estão perfeitissima
e maravilhosamente de acôrdo num pon-
to, num só: — em galgar o poleiro para
explorar, roubar o pôvô!

Ai tendes resumido todo o progama
dos partidos politicos e o motivo das
suas eternas discordias: — a ambição de
alcançar o supremo dominio para exer-
cer, livre e desenfreadamente a gatunice,
o roubo, a rapina, a estafa cinica e des-
carada!

Mas do meio de todo esse caos, dessa
podridão moral e material, dessa violen-
cia organizada, emerge uma terrivel fi-
gura que ameaça em breve acabar com
toda essa folia politico-religiosa-militarista-
autoritaria e afunda-la para sempre na
lama de seus proprios crimes e vícios: —
O ANARQUISMO, perturbador do
sono e da indigestão de todos os tiranos,
parasitas e ladrões, havidos e por haver.
Oh! o Anarquismo — dizem todos os



satrapas, bonzos, tiranetes e sangue-sugas, que vivem á custa do trabalho alheio: — o Anarquismo, terrível figura, horrendo fantasma! Mas, mais calma, senhores privilegiados da Terra; e examinemos de mais perto este nôvo hospede, que tanto mêdo vos causa.

Que é o Anarquismo?

«Sistema, doutrina ou teoria relativa á sociedade em estado de Anarquia» — responde Hamon.

Que é Anarquia?

«Estado de sociedade sem governo, sem poder, sem autoridade constituída» — acrescenta o mesmo autor.

Atê aqui, nada de ordem ou de desordem, pois que, como observa Phomar, nenhuma desta, duas consas tem que vêr com a Anarquia, que apenas significa ausencia de governo ou autoridade.

A Anarquia, portanto, é a antítese de todo o governo, de toda a tutela do homem sobre o homem; a condenação em bloco de todos os parasitas, de todos os vagabundos, de todos os ladrões, de todos os trapaceiros e gatunos, de todos os refinados larapios de casaca ou batina, que mantêm a atual desordem; a Anarquia é a liberdade na mais justa aceção do termo; é a verdade, a razão, a vida, em quanto que a autoridade, segundo a admirável definição de Pellicer, significa ignorancia, barbaria, servilismo, escravidão, miseria e morte.

Sendo a Anarquia o bem e a autoridade o mal, natural, naturalissimo é que esta se encanice contra aquela no intuito, bastante vão, de aniquilá-la. Nós, simples operarios julgamos conhecer um pouco a história, 30 vezes secular, das lutas entre essas duas entidades; temos observado que, á medida que a liberdade tem ido aumentando, a autoridade tem ido diminuindo. Ora, a Humanidade, partindo da monarchia absoluta, passando pela monarchia constitucional e depois pela republica, que tudo significa perda constante, progressiva e irreparavel do principio da utidade; se a Humanidade — dizemos — passou por todas essas formas, sempre encaminhando-se para maior gráo de liberdade em prejuizo da autoridade, quem seira bastante ousado para afirmar que não chegará um dia em que ela será completamente livre, em que viverá em Anarquia?

Ora, uma cousa que constantemente diminua, á medida que outra se afirma, é proque tende a desaparecer: — Assim, pois, fatalmente ha de succeder á autoridade.

No demais, podem caluniar a Anarquia quanto quizerem, mas tendo a certeza que ela ha de ser um facto.

Por outro lado, o estudo da Historia têm-nos ensinado que não ha governo bom. Os abusos, as trapaças e os crimes são inerentes, fazem parte integrante de todas as formas governamentais. Haja vista ao que está acontecendo atualmente no Rio de Janeiro. A Humanidade sempre se ha batido pela conquista do pão e do amor á liberdade. E como nenhum govêrno, têm atendido nem atenderá, porque a sua natureza lho proíbe, tais aspirações, claro está que os govêrnos estão fatalmente condenados a desapparecer. Demais, entre ser governado e ser livre, não há hesitação possível em quem têm um pouco de consciencia dos seus direitos de homem. Reformas governamentais, parlamentarismo, arranjos entre o capital e o trabalho, paz entre patrões e operarios: tudo é burla, charlatanice, mentira, impossibilidade! Não ha harmonia possível entre autoridade e liberdade, governo e governados, pobres e ricos, patrões e operarios; não ha, nem pôde haver harmonia — repetimo-lo — entre essas entidades, por sua natureza opostas: — a Historia contemporanea confirma os nossos asserções.

Ora por afirmar-mos verdades tão claras e positivas, ao alcance da mais rudimentar intelligencia, nós os anarquistas, que só ambicionamos pão, liberdade e instrucção para todos, inclusive para os nossos proprios inimigos, nós os anarquistas — diziamos — somos tratados de utopistas, vilmente caluniados e, na falta de melhores argumentos, covardemente perseguidos, desterrados ou encarcerados. Ao passo que nós conhecemos todos os paridos políticos, apesar de tão numerosos, que furiosos e sanguinariamente se disputam o poder, os nossos inimigos emitem os maiores disparates a nosso respeito, pretendendo uns, que queremos destruir tudo; outros, que trabalhamos para nivelar todas as fortunas; ainda outros, que nos reunimos em conciliábulo, nos quaes um de nós é sorteado para matar este ou aquele rei ou presidente; outros ensinam que a nossa doutrina só encontra adeptos no meio ignorante, emquanto outros ainda affirmam que entre nós é onde se encontra maior número de homens instruidos.

Por aí se vê que no campo inimigo reina a mais horribel confusão: nam se entendem, nem entendem os outros. Como vos atreveis a falar em ordem, si viveis

na mais permanente e terrível das desordens?

Entretanto, em abono dos nossos ideais podemos alegar que em meno de meio seculo temos feito progresso surpreendentes, apezar do *natura non facit salus*; possuímos uma vasta e riquissima literatura capaz de, por si só encher muitas bibliotecas, e na qual as nossas doutrinas são expostas com uma simpleza e precisão admiráveis; ao nosso lado estão os maiores cerebros de quasi todas as fontes do mundo e em todos ou quasi todos os ramos do saber humano: — Reclús, «Kropotkine», Faure, Malato, Grave, Laisant, Belaisi, Proudon, Bacunine, Malatesta, Lorenzo, Prat, Marmol J. Medico, Mirabeau, Neno Vasco, Martim e outros, outros e outros que deviamos de citar por economia de tempo e espaço, todos eles anarquistas e notabilissimos em Historia, Geographia, Historia Natural, Matemáticas, Sciencia Social, Economia Política e Literatura: de sorte que por aí pôdem ajuizar os nossos pobres e imbecis detractores que os anarquistas não são o que se diz ou se pretendem fazer crêr, mas um pouco mais do que isso.

As anarquistas são sonhadores, utopistas? São caluniados, perseguidos, desterrados? Não importa: Galileu e Campanella tambem o foram. Hoje, eles apparecem ter razão. A verdade nunca é verdade da época que aparece assim é a Anarquia. As verdades são verdades com relação aos tempos e aos lugares. Verdade hoje, mentira amanha. Utopia hontem, realidade hoje

José Martins.

Páginas alheias

A sentença que condena á morte os Vaillants é impotente para suprimir ou sequer assustar o anarquismo.

Está demonstrado, e pela propria policia, que desde as primeiras repressões, o numero de anarquistas tem crescido na proporção de um para mil.

A guilhotina decepa uma cabeça, mas não atinge a idéa que dentro residia. Durante um momento, de certo, á força de *busesas*, de prisões, que são o acompanhamento usual da sentença, a seita fica desorganizada, desconjuntada; — mas para immediatamente se organizar além, mais numerosa, mais fanatizada, por isso que vem de padecer uma perseguição. Tais sentenças não tem senão o effeito desastroso de criar mártires. Ora não ha semente mais fecunda que uma gota de sangue de mártir, sobretudo quando cáe num sólo tão preparado para que ela fructifique, como é alma especial dos humanitarios que chegaram á exacerbação do humanitarismo, não por teoria, mas através de realidades dolorosas e de uma experiencia constante das miserias servís.

Pense-se o que será (quando um Vaillant é guilhotinado) uma reunião secreta de anarquistas, dos verdadeiros, dos puros, d'esses milhares de operarios de coração generoso e exaltado, para quem o anarquismo é a verdadeira redenção da humanidade, e que admiram no homem que se sacrificou por essa idéa santa, um mártir do amor dos homens,

E quando a sociedade mata os anarquistas — é a sociedade que fabrica as bombas.

No antigo regime o proletario, mantido em servidão dentro de uma organização social muito forte, collocára a sua esperança de felicidade, não já nesta vida que ele via irremediavelmente votada á pena, mas na outra vida, para além da campa, como lho recomendava a Igreja, sua mãe e sua educadora, dando-lhe como garantia a promessa de Jesus, que reservava para os pobres o reino do céo.

Neste nosso seculo porém o proletario, doutrinado pela classe média que se tornára desde 1789, em substituição á Igreja, á sua nova educadora, começou a acreditar que sendo homem e tendo portanto todos os direitos de homem, poderia realizar a sua felicidade ainda em vida, neste mundo, e sob a garantia de leis. Para isso, segundo lhe affirmava a classe média, bastava que elle demollisse o velho edificio social, a monarchia e as instituições monarchicas, que constituíam o unico obstaculo á «felicidade das massas». O proletario, convencido, saiu em tamancos dos seus velhos covis, e começou a destruir. Fes tres revoluções, ergueu barricadas innumeráveis, executou reis, incendiou castelos, aboliu privilegios — e pediu em gritos, e com as armas na mão, todas as reformas e liberdades politicas que a classe média lhe indicava ao ouvido e que deveriam realizar essa felicidade terrestre tão largamente annunciada. Emfim, ao cabo de setenta anos de lutas, o povo, tendo arrasado o velho edificio da monarchia, construiu o novo edificio da Republica, cheio dos confortos e invenções novas da

civilização politica, a liberdade de reunião, de associação, de imprensa, e todas as outras, entre as quaes, bem agasalhado e bem provido, senhor seu, ele começaria emfim a conhecer a ventura de viver. Assim, soberbamente instalado, esperou. Os anos passaram. A felicidade annunciada não veio.

Apesar de todos aqueles confortos politicos (liberdade disto, liberdade daquillo) continuava, como no antigo edificio feudal, a ter fome e a ter frio. Quando chegava a neve, o direito de voto não o aquecia: á hora de jantar, a liberdade de imprensa não lhe punha carne na panela vazia. Pelo contrario, reconheceu que, apesar do nome de «soberano» que lhe tinham dado, continuava na realidade a ser servo — e que o seu novo amo, o burguês capitalista era muito mais exigente e duro que o antigo amo que ele guilhotinára — o fidalgo perdulario. Todas as suas barricadas, pois, e todas as suas revoluções tinham sido feitas em proveito da classe média, que lhe metêra as armas na mão, o impellira ao assalto do velho regime! O seu sangrento esforço só servira para entregar o poder á classe média, que se aproveitava desse poder, não para dar ao proietario dentro do novo regime a sua legitima parte a bem-estar, mas lhe explorar o trabalho como lhe explorar a colera, e faze-lo estallar para o seu enri-

quecimento material, como o fizera cam-bater para o seu engrandecimento politico!

Uma outra parte, porém, do proletariado, a mais inculta ou a mais violenta, ou simplesmente a mais naturalista, concebeu uma outra idéa, e estranha. Para essa, a revolução economica pré-gada pelo socialismo e concebida ainda dentro de um espirito juridigo é inefficaz, quasi pueril, porque não atinje o mal! Associações, *trade-unions*, barateamento do capital, seguros de velhice, reclamações para o dominio social dos serviços collectivos regularização da concorrência etc., etc., tentadas pelo socialismo são tigelas de agua morna, deitadas sobre uma gangrena. São ainda subterfugios traço-eiros do horrendo burguês. O mal, o verdadeiro mal, que é necessario estipar é a propria idéa de direito, de lei, de autoridade, do Estado.

O homem nasceu livre como nasceu bom, e proprio para ser feliz: e todavia por toda a parte está escravizado, e pena sobre essa escravidão. Mas quem o escravisa, quem o faz penar? A sociedade com toda a sorte de peias, de estôrvos que se opõem á livre expansão da natureza humana, que é fundamentalmente e inatamente boa, e que não poderia nunca ser senão um radiante progresso do homem no sentido do bem.

Eça de Queirós

Sindicalismo de Estado e Sindicalismo anarquista

Uma equívoca tendencia das gerações humanas vale por um periodo de retrocesso na sua propria evolução.

Os acontecimentos que se succederam durante todos os séculos confirmam esta asserção.

A origem da familia, da propriedade, do Estado, da religião, do patriotismo, da moral, deriva-se, além de accidentes economicos, de falsas interpretações dos phenomenos naturais.

E se a familia humana realizou nãoos progressos que se conhecem, foi por obra a essas instituições e principios, posto que se realizaram apesar dos ciclos de perturbação, de decadencia e degeneração com que sustentaram a sua accidentada existencia.

As castas, as classes, as seitas e os governos, esforçaram-se por apagar todas as luzes da intelligencia, estabelecendo o seu reinado sobre a bestialidade colectiva.

Sócrates, Giordano Bruno, Galileu, Servet, Ferrer, Cotocu, milhões e milhões de mártires perderam a liberdade ou a vida por lançarem sobre os povos as projecções luminosas da sua sciencia e do seu amor pela propagação da verdade.

A classe trabalhadora, revoltada contra as classes detentoras da riqueza e do poder, estimulada pela consciencia despertada por essas projecções, iniciou um movimento de resistencia e de luta em defesa de seus direitos.

A partir da segunda metade do século passado foi quando este movimento tomou um caracter respeitavel.

A Internacional dos Trabalhadores reuniu em seu seio milhares de homens de muitos países e de todas tendencias.

Mas, para que Bacunine e os demais companheiros não difundissem as suas idéas e não perturbassem a dictadura de Marx, comandante em chefe do exercito proletario, foram expulsos da Federação e delatados á policia pelos membros influentes dessa entidade operaria.

Hoje, a Confederação Geral do Trabalho da França que, por ser francôza serve de modelo a muitas organizações operarias de não poucas nações, segue as pégadas das instituições reaccionarias impondo silencio aos seus componentes.

A fama, porém, é tudo.

O povo francês tomou a Bastilha e proclamou a Comuna.

Isto impede reconhecer que outros foram mais longe:

que em Jerêz fez-se uma tentativa revolucionaria anarquista; que os camponeses russos assaltam os dominios dos ricos, não reconhecendo o direito de propriedade, e que os revolucionarios mexicanos, em grande parte semi-civilizados, tomam as cidades por assalto e fazem uma limpeza geral de quanto representa as instituições e classes, ao grito de «Terra e Liberdade!»

«Julgando a Confederação tal como se oferece a vista do observador, não representa nem é no fundo outra cousa que uma organização de resistencia ao capital, não oferecendo um ideal politico claro, concreto definido e muito menos uma solução economica.

Fica por tanto reduzida á categoria de simples meio, e ainda assim considerada não pode ser mais deficiente.

Das tendencias que no seu seio se manifestam com mais força, note-se que falamos da realidade da vida sindical e não dos congressos — uma é inimiga franca da violencia por que tem com fiança absoluta na acção parlamentar.

A outra entende que em vez da grande revolução que reputa impossivel porque ouviu dizer que a natureza não procede por saltos, pensa — alternando com a luta politica numa serie ininterrompida de grèves de classe mais ou menos revolucionarias.

Como se vê, as duas fundemse num mesmo absurdo, e nenhuma delas fala em nome da emancipação total, senão no melhoramento economico da classe trabalhadora».

(Eusebio C. Carbó.)

Encerrada nesta elliptica, a organização operaria constituída nos moldes da C. G. T., isto é no puro sindicalismo, fechou as portas a todas as idéas de organização social que substitua o regime actual, e a todos os principios, resultando ser mais conservadora do que os partidos democraticos ou liberaes.

Associações republicanas, de socorro mutuo e outras de tendencias mais ou menos liberaes tem-se prestado para facilitar, ao menos em certas occasões, a exposição, de idéas filosóficas e de tendencias modernas.

Nas sociedades exclusivamente sindicalistas cada trabalhador, quando está no sindicato, tem na boca uma mordaca e deante dos seus olhos um regulamento que

lhe diz: — *you não pode falar aqui!*

Para saber-se quais as formas que pode tomar o sindicalismo, haja vista aos grandes sindicatos operarios norte-americanos, onde os rebeldes, os inovadores, estão boicotados pelos componentes dessas associações, que fazem um monopolio do trabalho, obrigando os outros trabalhadores a uma desocupação definitiva ou emigrarem, pois não admitem mais socios do que os necessarios para o trabalho.

Cognominar de revolucionario o sindicalismo moderno pouco influe em beneficio dessa organização.

Os partidos reaccionarios ou liberaes conquistavam o poder com revoluções insurreccionais e as cousas continuaram como antes ou peor.

Supondo, e seria muito supôr, que o sindicalismo revolucionario triunfasse sobre a classe capitalista: que faria depois?

Estabelecer um nôvo govêrno, nôvos regulamentos ou leis.

No maior avance sociologico que lhe é proprio, poderia fazer com que os proprios sindicatos confederados tomasem a direcção da produção e do consumo, um nôvo Estado, o mais despota e temível de todos os Estados: o govêrno das maiorias.

A revolução ficaria, como as passadas revoluções, limitada ao papel de insurreição, mais danosa nos seus fins do que nos seus meios.

E' um facto que, nos sindicatos em questão, as directorias ou conselhos exercem sobre os demais associados certa influencia autoritaria, impondo-lhes o estricto cumprimento dos regulamentos sindicais e as resoluções tomadas em assembleas ou conselhos.

No sindicalismo anarquista, o unico verdadeiramente revolucionario, o operario não tem nada a temer.

Nestes sindicatos não ha regulamentos, não ha ordens que limitem a integridade individual.

Não se obriga a estar associado ao companheiro que, não se encontrando satisfeito no sindicato, luta como melhor entende pela emancipação comum.

Se não se podem aboir certas deficiencias, como por exemplo a decisão das maiorias, é porque elas são inevitáveis dentro de tal organização, mas, assim mesmo, quando a não observancia dessas decisões não prejudica gravemente as classes, os componentes dos sindicatos que não as cumprem não sofrem nada por isso.

Como finalidade, o sindicalismo anarquista não aspira a organizar a nova sociedade em sindicatos de produção e de consumo.

Uma vez feita a revolução os sindicatos se fragmentarão em grupos que desempenharão essas funções, constituindo, para o melhor desempenho, quantas federações julgarem necessarias, baseando a sua completa autonomia no livre accordo.

E' preciso encarar seriamente a questão, tomando como ponto de partida a mais completa liberdade, a Anarquia, para não ficarmos outra vez, encerrados num nôvo despotismo, seja ele burguês ou operario, e chame-se como se chame.

João Crispim

Reunião Libertaria

Realizar-se-há hoje, domingo, ás 9 horas da manhã, na rua do Carmo n. 36, uma reunião de libertarios, com o fim de tratar da fundação de um grupo libertario, no bairro do Brás.

Pede-se o comparecimento de todos os camaradas.

Luta Social

Grève de Colonos EM PARANHOS

No dia 11 do corrente declararam-se em grève os colonos da fazenda do escravista Comendador Paranhos.

Os trabalhadores resolveram abandonar o trabalho, visto não serem atendidos nas suas reclamações, que consistem em mil réis por cada 100 litros de café colhido.

Pelo grande número de grèves que explodem em muitas fazendas, vê-se que estas estão cheias de agitadores, que são os próprios colonos, os quais estão agitadíssimos pelas revoltantes condições em que se encontram.

Para aplacar os ânimos dos grévistas, os patrões, em vez de cedêrem, mandaram-lhes um grupo de bárbaros, armados a mauser.

E' assim como o governo protege os colonos, principalmente os emigrantes.

Se se quer fazer grèves, reclamar direitos e impôr com mais facilidade esses direitos, é preciso enfrentar os burguezes, com as armas na mão.

Grève dos operarios da fábrica "A Banheira de Zinco"

Na quinta feira, 11 do corrente, os operarios da fábrica «A Banheira de Zinco», sita á rua Marechal Deodoro n. 10-A., declararam-se em grève.

Amadeu Rodrigues de Melo, proprietario da fábrica, trata tão bem os operarios, sente a sua consciencia tão tranquila, que, temendo uma represalia, mandou char a policia, para que viesse protegê-lo.

O delegado Teófilo Móbrega, um nôvô Prepoíf, verdugo dos trabalhadores, mandou para o local da fábrica, uma malta de soldados, para manter a ordem, garantindo a vida, a propriedade e a exploração do burgês.

Sindicato Operario de officios varios

Conforme estava annunciado na noite do 10 do corrente, ás 7 horas, realizo-se a reunião deste sindicato, a qual, por equívoco de convocação, foi diminuta a concorrencia de socios, porém, foi bastante animada.

Os presentes tomaram grande interesse pelos trabalhos da organização, os quais proseguem com muita actividade.

Tratou-se de varios assuntos, entre eles o da fundação da Casa Sindical e da nomeação de um nôvô 2.º secretario.

Tambem foi aberta uma subscrição voluntaria em prol do valente companheiro Joubert, afim de angariar a quantia necessaria para pagar a multa a que foi odiosa. mente condemnado.

Na quinta-feira, próxima, 19 do corrente, um companheiro realizará na sede do Sindicato Operario de Officios Varios, ás 7 horas da noite, uma conferencia de propaganda.

Depois desta conferencia dar-se ha inicio ás palestras que este sindicato deliberou organizar.

Faz-se caluroso apêlo a todos os operarios para que compareçam á conferencia e ás palestras.

A Liga dos Trabalhadores em Madelra

reune-se 14, hoje, ás 7 horas da noite, no local do Sindicato Operario de Varios, á rua do Carmo, 86, (moderno) para tratar de assuntos de palpitante actualidade e para levar ao conhecimento de todos os operarios os factos degradantes que são praticados contra essa classe, pelos famigerados patrões!

Todos á reunião!

Ribeirão Pires

Comemoração do quinto aniversario da fundação das Sociedade Unido dos Canteiros.

A Sociedade União dos Canteiros, de Ribeirão Pires, cuja espirito denota uma amplitude de miras aberta a todas as modernas idéas de renovação economica e social, tem uma decisão nabalavel de lutar denodadamente pela causa dos trabalhadores.

No dia 8 do corrente, esta associação comemorou o quinto aniversario da sua fundação, relembando o seu passado, cinco anos de lutas titánicas contra o patronato, e de esforços pelo levantamento da consciencia e illustração da classe em geral.

A's 9 horas da manhã saiu da sua sede uma grande columna operaria, que percorreu varias ruas da localidade, até ao largo que fica de frente á igreja.

Ali realizou-se um comicio, falando varios Camaradas, que fizeram uma veemente

crítica demolidora, atacando a lei de expulsão, o patronato e todas as instituições presentes, que escravizam, exploram e perseguem as classes trabalhadoras.

A tarde realizou-se outro grande comicio numa das pedreiras, estando presentes numeros mulheres e crianças, o que muito contribuiu para fazer uma propaganda proficua.

Foi, finalmente, uma bela jornada de propaganda.

No proximo número teremos occasião de falar sobre a situação dos operarios e suas familias que se encontram nessa pedreira.

Pro Joubert

Calabria	1\$000
Sorelli	1\$000
Um companheiro	4\$000
La Comune	2\$800
Lista do Rosta - BAURU:	
Fortunato Rosta	5\$000
Alfredo Marrena	3\$000
Alipio M. de Andrade	2\$000
Aurelio Grande	1\$000
E. Yannuccini	2\$000
João Affermi	2\$000
Simone Rasi	3\$000
Soma anterior	34\$900
	61\$700

Aos assinantes do Brás

Avisamos que, por estes dias, serão visitados por um nosso companheiro.

SANTOS

Grupo Renovação

Este grupo libertario reune-se na rua Amador Bueno n.º 25.

A correspondencia deve ser dirigida á Mauricio de Andrade, rua Amador Bueno, 25.

Correspondencia Libertaria

JESUS PERES (Sorocaba). — Que á de novo, a respeito de Joubert? Escrevam.

STEFANELLI (Sorocaba). — Que silencio!

Mande a listas para serem publicadas. No dia 29 do corrente é que pode ser visitado; é bom que venha nesse dia a companheira dele.

MIGUEL CARUSO (R. Pires). — Sequiram os livros.

PELOIA (Campinas). — Recibi a carta, e fis as modificações. Recebeste os talões que me foram enviados para aí?

MENDES (Santos). — Fiz as modificações que indicaste.

LUIGI ROMANI (Igarapava) — Recibi a tua carta.

Os endereços foram registrados; os outros não eram daí, eram de Igaçaba.

A noticia que mandas-te trata de um facto comum entre a seita negra, e bastante debatido.

JOSE' MARTINS (Niteroi) — As notas do seu artigo foram extraviadas na tipografia.

Astrórgildo e Ramos — Rio — Estamos esperando a tipografia; é imprescindivel que venha a toda pressa.

Se tiverem algum arame para o Germinál, devem manda-lo até pelo telegrafo.

Ex-sargento — Rio — Convem que escrevas um pouco mais claro, os tipografos dão o estrilo.

Biblioteca do Germinál!

Catalogo de livros em espanhol, muito instructivos e em edições economicas.

Cada volume brochado 1\$200

Cada volume encadernado 1\$600

Pelo correio mais 200 réis por volume

A. Flamn. Determinismo e responsabilidad.

id. Psicologia del militar profisional.

id. Psicologia del socialista-anarquista.

id. Socialismo y anarquismo.

id. El Mal del siglo XX.

Bakounin. Dios y el Estado.

id. Federalismo Socialismo y Antiteologismo.

Bardn d'Holbach. Moisés, Jesús y Mahoma.

Büchner. Fuerza y Materia.

id. Luz y vida.

Darwin. El origen del Hombre.

id. El origen de las especies, 3 vols.

id. La expresión de las emociones en el hombre y en los animales, 2 vols.

Engels. Origen de la familia, de la propiedad privada y del Estado, 2 vols. Fabri (Luigi). Sindicalismo y anarquismo. Faure. El dolor universal.

Flaubert. Por los campos y las playas. Leone. El Sindicalismo.

Maximo Gorbi. Los ex-hombres.

id. En la prison.

id. Los Bárbaros. (drama).

id. Los hijos del Sol (drama).

id. En América.

id. Entrevistas.

id. Albergue de noche (drama).

id. Escritos filosóficos y sociales.

Grave. La sociedad futura, 2 vols.

id. El individuo y la sociedad.

id. La sociedad moribunda y la Anarquía.

Haeckel. Los enigmas del Universo, 2 vols.

id. Las maravillas de la vida, 2 vols.

Heine. Los dioses en el destierro.

id. Confesiones y Memorias.

Kropotkin. La conquista del Pan.

id. Las prisiones.

id. Palabras de un rebelde.

id. Campos, fábricas y talleres.

id. El apoyo mutuo un factor de la evolución, 2 vols.

id. La ciencia moderna y el anarquismo.

id. El terror en Russia.

Malato. Filosofía del anarquismo.

id. La gran huelga (horrores del capitalismo), 2 vols.

Marx. El capital.

Max Nordau. Las mentiras convencionales de la civilización, 2 vols.

id. Matrimonios morgánicos, 2 vols.

id. La comedia del sentimiento.

Max Stirner, El único y su propiedad, 2 vols.

Merlino. Socialismo 6 Monopolismo?

Merejkowsky. La muerte de los dioses, 2 vols.

id. La resurrección de los dioses, 2 vols.

id. El Antecristo (Pedro y Alego) 2 vols.

Michel (Luís). El mundo nuevo.

id. Michelet, Consejos á los jesuitas.

Mirbeau, Sebastián Roch. (La educación jesuitica).

id. El Abate Julio.

Naquet, La Anarquía y el colectivismo.

id. La Humanidad y la patria.

Nietzsche, Así hablaba Zaratustra.

id. La gaya ciencia.

id. El Anticristo.

id. El origen de la tragedia.

id. El crepúsculo de los idolos.

id. Mas allá del bien y del mal.

id. Humano, demasiado humano.

Prát, Crónicas demoleadoras.

id. La Burguesía y el Proletariado.

Proudhon, Que es la Propiedad?

id. El Estado — La dignidad personal.

id. La sanción moral — La justicia — Catecismo politico.

id. La educación — El trabajo.

id. Pobres y ricos.

Pequena Biblioteca do GERMINAL

Evolução e Revolução

— DE —

ELIZEU RECLUS

Obra de critica e doutrina anarquista, com 150 paginas, nitidamente impressa em optimo papel e cuidadosamente traduzida pelo camarada Neno Vasco.

Em venda para beneficio do jornal, nesta administração, ao preço de 1\$500 cada exemplar.

Ideal. — Alegoria de Sacristá. . . \$300

Dichiarazione. — Etievant. . . \$300

Il Trionfo del Vero. — La corte . . . \$300

Cristo non è mai esistito. . . 1\$500

La Teoria Darwiniana Espiegata Popolarmente — Luigi Fabri . . . 1\$000

Memorie de Bunot — P. Valera . . . \$400

Georgicas — Neno Vasco . . . \$100

Temos tambem um volume de cada um das seguintes obras:

Em volta duma Vida ou Memorias de um Revolucionario. P. Kropotkin . . . 2\$000

Evolução e Revolução de Reclus Grève geral — encadernados num só volume bem impresso . . . 2\$200

Cinquant'anni di Socialismo — Grosso volume de grande formato com 500 paginas e bem encadernado . . . 3\$500

O Socialismo na Europa — Magalhães Lima enc. . . 3\$200

Santi Sociali e il Delfino del Dottore, num só volume encadernado . . . 2\$000

N. B.—Os pedidos devem ser dirigidos a R. Felipe, caixa 134, S. Paulo.

Expedição pelo correio franco de porte.

De quem dependem os nossos direitos?

Todos os livros escritos, e que todavia se escrevem, com o único escôpo de desenvolver as faculdades intellectuais dos operarios e prepara-los, assim, á conquista dos seus mais sagrados direitos, por meio de uma lucta consciante e bem orientada, contra a classe burguezsa, detentora de tudo quanto é indispensavel á nossa subsistencia e das nossas familias; a maior parte desses livros, repousam, como estatuas de bronze, nas bibliotecas, nas vetrinas das livrarias, etc. á espera de que o pó e o mófo lhes transforme o aspecto actual, dando-lhes uma vida nova, quicá mais útil para os trabalhadores!

Esses pequenos volumes, inobservados pela maioria dos trabalhadores, vituperados por aqueles que semeiam a miseria, as dôres e a morte — são as armas que, inevitavelmente, deverão conduzir as grandes falanges de sofredores á suprema victoria, á igualdade social entre os homens.

Vós! companheiros de trabalho que acceitais tudo quanto vos é perjudicial á existencia e regeitas desdenhosamente a obra grandiosa, quão benefica, d'aquelles que vos querem redimir, oferecendo-vos os meios mais nobres, mais sublimes. Vós não pugnaís pelos vossos direitos, não procurais a verdade e a sciencia; vegetais na sombra do vicio, nos lupanares, no reino das quiméras e, sobretudo, na hipocrisia dos vossos... benfeitores.

A resposta que vem consolidar esta minha asserção deram-a os trabalhadores ingleses, com a sua grève monstro, os ferroviarios francezes e, ultimamente, os camponeses belgas.

Todos esses grandes movimentos, ao contrario de quanto se previa, não fizeram senão confirmar a nocividade do tatarfismo politico na questão economica, e patentear, mais uma vez, o estado retrogrado da classe operaria, respeito da questão social.

Mais ainda, esses movimentos vieram demonstrar quão pouco valor tem milhões de homens sem convicções e sem um principio que os guie por um caminho recto, sem perigo de derrota.

A ingenuidade, a boa fé e os preconceitos que a classe operaria todavia, alimenta, fazem com que ela desconheça os seus mais legitimos direitos, induzindo-a mesmo, a rejeita-los de um modo vergonhoso, todas as vezes que ela crê estar preparada para enfrentar a lucta.

Se esta é a verdade, seja-me permitida uma pergunta:

Para que servem ou o que significam os arcos de triunfo e os vinte um tiros de morteiro com que muitas sociedades, ainda hoje, saúdam o dia 1.º de maio?

Eu creio que os arcos de... vergonha, edificados em todo o universo, sobre os ossos de tantos pobres infelizes; as balas dos mausers e dos canhões, que transformam em farrapos a carne de outros tantos não menos infelizes, e por fim, o quadro desolador em que se vê uma infinidade de mães desventuradas pairando pelos caminhos em procura do seu amado filho,—é sufficiente para fazer desaparecer de entre a classe operaria todas essas puerilidades e fantasias inúteis, e eleva-la a uma concepção mais elevada e mais digna da humanidade.

Mas, para que essa concepção se forme no cerebro do operario, é necessario abandonar todas estas tradições e costumes grotescos; é necessario abandonar o alcool, deixar de frequentar os lupanares e utilizar o tempo em cousas que tem relação directa com a nossa vida fisica, moral e intellectual. Isto feito, o operario convencer-se ha da nulidade do arbitrio politico e religioso, em abono dos seus direitos.

Lêr, escrever, pensar, conhecer a vida e tudo quanto a ella pertence.

TARDO VILA

Respondendo ao nosso apêlo

Caros camaradas do Germinál!

A idéa de publicar o nosso querido Germinál em quatro paginas em português e duas em italiano, é excelente, pois entendo que viria facilitar a nossa obra de propaganda, porque têr-se ia mais facilidade para dar vazão ao material que recebe e a variar a colaboração.

Quanto maior for o número de artigos, de idéas e pensamentos, que inserir em suas colunas, maior será a soma de propaganda de regeneração e emancipação, que exporá aos seus leitores, contribuindo para a criação de novos elementos para a lucta.

Camaradas! Devemos desenvolver as nossas actividades, para que esta nobre aspiração seja em breve uma realidade, porque, alem de ser um passo para a sua transformação em diario, é tambem um passo para o triunfo da anarquia.

ZEFERINO OLIVA.

Do camarada Santos Barbosa, residente no Rio, recebemos uma efusiva carta de encorajamento, comunicando-nos que iniciou uma subscrição de 400 reis mensais, em beneficio desta fôlha, a qual ja aderiram muitos companheiros.

Avante pela Anarquia.

A sociedade burguezsa já exgotou todas as suas energias, está devorando o resto do stoc dos últimos expedientes para conservar-se em pé. Não satisfeita de ter uma politica corrupta, e administrações torpes, degenerou a arte e depravou o amor. Co não pode-se ter esperança que da propria burguesia venha um remedio eficaz contra tantas doenças? Quando uma habitação é insalubre de nada vale dar-lhe retoque, mais cedo ou mais tarde os inquilinos sentirão o mesmo mal estar que antes sentiram. O que se precisa é construir uma nova habitação cheia de luz e de ar.

SIPIO SIGHELE

Verso l'anarchia

Abbiamo per tal modo le associazioni di lavoro, di consumo, di mutuo soccorso, le leghe di resistenza, le camere di lavoro, i circoli ricreativi, i circoli di studio sociali, le scuole serali di disegno, di lingua, di matematica, le palestre di ginnastica, bomposte tutte d'individui spontaneamente liberamente associati.

Colle associazioni di lavoro, di consumo, coi circoli ricreativi, gli operai hanno una prova della possibilità di sfuggire completamente allo sfruttamento del capitale industriale, fondiario e commerciale, mediante la libera associazione praticata universalmente, la cooperazione e la messa in comune di tutte le ricchezze.

Colle società di mutuo soccorso hanno un esempio minuscolo degli immensi benefici che ritarrá il genere umano col patto di solidarietà universale.

Per ultimo, colle associazioni di lavoro di consumo, di mutuo soccorso, coi circoli ricreativi, ecc., gli operai hanno un esempio del come, mediante la libera associazione ed il patto di solidarietà universale, sia non solamente possibile, ma facile l'organizzazione della società futura, non appena dichiarata la proprietà comune.

Le associazioni di lavoro hanno, a nostro modo di vedere, una speciale importanza. Sono poveri operai tipografi, meccanici, falegnami, muratori, sellai, calzoli ecc., che a prezzo di inanditi sacrifici, alcune volte, nonostante le crisi industriali e commerciali in permanenza, riescono ad associarsi, impiantando un officio, lavorano per conto proprio, fanno da sé.

Prendiamo ad esempio i braccianti.

«Sono i più poveri fra i salariati, i più infelici, i più oppressi, sono i lavoratori della terra, gli stradaiuoli, i lavanti che soffrono la fame cronica con qualche lira al giorno.

«In Romagna prima poi in Forlì, poi nelle altre città di Romagna e nella provincia di Reggio Emilia e nel Polesine, ed ora anche nel vercellese, vanno formandosi le società di braccianti, iquali, a poco a poco, sostituiscono gli appaltatori nella assunzione delle opere pubbliche.» Dal Secolo di Mileno. 1890.

E le libere associazioni di lavoro fra gli operai agricoltori?

Il grande, l'immortale Proudhon aveva scritto: «Il lavoro agricolo è il più salubre dal punto di vista della morale e dell'igiene, e riguardo all'esercizio intellettuale è il più enciclopedico.

«Per tutte queste considerazioni il lavoro agricolo è quello che esige meno, diciamo meglio, che respinge con maggiore energia la forma societaria. Non si sono mai visti contadui a formare una società per la coltivazione dei loro camgi, nè si vedranno mai.

Orbene, Proudhon s'ingannava. La libera associazione ha trapassato le sue arpitissime previsioni.

Ne abbiamo le prove nelle colonie agricole.

Impossibile rimanere indifferenti dinanzi ai risultati, per quanto meschini, datici dal principio associativo, di ooperazione e solidarietà fra gli operai: principio che ci annunzia a breve scadenza, una radiale trasformazione della Società presente.

(Continua)



La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

BUFFONI!

Il Fanfulla per «criticare» le autorità e l'opinione dei giornali brasiliani decanta e porta ai sette cieli il governo che sgoverna l'Italia e ci racconta delle storielle proprio da «una e mille notti».

Dice il poco da lodarsi: in Italia col consenso del governo e l'appoggio della borghesia fu attuato il programma minimo del partito socialista...? Dunque il socialismo ha trionfato... il pane abbondante, non vi sono più carceri, i governanti amano il popolo, i soldati non ammazzano gli affamati. Tutto è bello, tutto è buono: regna l'amore... oh buffoni! buffoni e buffoni.

A voi non piace la verità, non avete coraggio di dire ciò che i sgobernatori di questo paese sono e ci raccontate le delizie dell'Italia oppressa, tiranneggiata, dissanguata dalla casa Savoia e dalla borghesia come lo è la Francia, la Svizzera dai suoi presidenti, come lo è l'Austria, la Russia, la Germania dai suoi imperatori: avete paura confessare che i lavoratori nell'Europa sono più rispettati che nel Brasile perchè con la loro forza,

la loro coscienza seppero imporre parte delle loro volontà ai governi, e questi per non scomparire dovettero riconoscere parte dei loro diritti proclamati ad alta voce per le vie, per le piazze, con scioperi e rivolte collettive e individuali, scioperi e rivolte che i governi tentarono di soffocare col piombo e con la galera.

Ricordate il '98, il '900, il '908 Barsanti, Angiolillo, Bresci, Genova, Milano, Piombino, Parma e tutti i scioperi, tutte le proteste, le fucilazioni, il domicilio coatto, e la galera, e tutte le infamie dei cinquant'anni di regno?

Il diritto di sciopero, di riunione e di morir di fame è riconosciuto dai governi Europei ma quanto infamie non si commettono? Quante lagrime e quante bestemmie non traboccano dal ciglio e dall'anima dei lavoratori di tutti i paesi?

Fu la forza, la dignità che incussero timore a tutti i tiranni in tutti i tempi.

Alla forza dunque ed alla dignità dei lavoratori il merito, e non alla magnanimità(?)... del governo italiano che se il popolo permettesse sarebbe più despota e più tiranno di quello che sgoverna questo paese.

Acrato

Guerra e Pace

(Discorso pronunciato da Anatole France al Trocadéro per la commemorazione della prima conferenza internazionale dell'Aia.)

Noi non siamo maniaci del pacifismo. Non vogliamo nascondere sotto i rami d'ulivo l'umanità addestrata alla virtù della rude scuola della guerra. Il capo selvaggio, che, all'approccio del nemico, chiude le donne, i fanciulli, le greggi della sua tribù in una cinta di mura e copre l'aggressore di frecce e di pietre, quel selvaggio fondò la famiglia e la città. Le vittorie d'Alessandro hanno fondato il mondo moderno e creato la civiltà, che le invasioni dei barbari, non hanno potuto distruggere e di cui godiamo ancor oggi.

Vedete bene che concediamo alla guerra quanto le spetta. Ma, un tempo necessaria, essa ha perduto ogni ragione di essere. Questo è un fatto reale, certo, che sfugge a molti osservatori, soltanto perchè è immenso e tutti gli occhi non possono abbracciarlo nella sua estensione sterminata. Osservate pertanto: le terre, i frutti delle terre, il bestiame, i cereali, le materie prime, le manifatture, il numerario, il credito, tutto ciò che fa la prosperità dei popoli e il vigore delle razze si conseguiva un tempo con la violenza. Oggi è questione d'intesa fra nazioni d'uguale civiltà. E' vero che le razze inferiori ne fanno qualche volta le spese. Ma è prevedibile che un sì crudele abuso non sarà eterno. Fra popoli poi di cultura equivalente, a dispetto di rivalità e diffidenza, l'intesa diventa ogni giorno migliore. La molteplicità crescente di comunicazioni e di scambi, la solidarietà forzata dei mercati commerciali e di quelli finanziari, il rapido sviluppo del socialismo internazionale e delle federazioni di lavoratori, preparano insensibilmente l'unione dei popoli di tutti i continenti.

La pace universale si realizzerà un giorno, non perchè gli uomini diverranno migliori (non è lecito sperarlo), ma un nuovo ordine di cose, una scienza nuova e nuove necessità economiche imporranno loro lo stato di pace, come un tempo le condizioni stesse della loro esistenza li ponevano e li mantenevano in istato di guerra.

Io mi guarderò da quelle che furono chiamate «sorprese del cuore». Eviterò le suggestioni del sentimento. Dirò: perisca la pace, se deve diminuire l'umanità! Perisca la guerra, perchè non è capace oggi compensare le perdite e i danni che costa al vincitore. Perisca la guerra ora che l'industria è divenuta la grande e la sola conquistatrice!

La pace! in tutti i tempi il mondo ne ebbe sete. Non arrossiamo di desiderarla; i più coraggiosi l'hanno desiderata prima di noi. Fondere le spade per farne lame d'aratro fu il voto de' profeti

d'Israele, come dei poeti d'Atene e di Roma; e il voto delle migliori e delle più grandi anime dei tempi moderni. Ditemo di più. La guerra fu fatta sempre per ottenere la pace. E' dunque destino della guerra quello di perire nell'atto stesso del trionfo. Muoia dunque la guerra per sempre.

Popoli! Ricordandovi quanto vi ha dato di potenza, di miserie e di gloria, avvolgetela nel suo lenzuolo di porpora. E liberi ormai della sua illustre servitù, domandate la grandezza e la ricchezza non a vittorie d'un giorno, ma alla Pace, che è pure una vittoria e la sola durevole.

Chi dunque piangerà la guerra morta! Se esiste ancora qualcuno che nutrito d'una fosca teologia, la rimpianga e la invochi come un flagello e veda nelle battaglie il sanguinoso olocausto gradito al dio degli eserciti, a costui nulla ho da replicare.

Temete forse che uccidendo la guerra, s'uccidano anche il coraggio, la costanza, l'abnegazione, le più fiere virtù che riscaldano il cuore degli uomini? No, le arti della pace, la scienza, la scienza pura e speculativa, la scienza attiva, applicata ai bisogni degli individui e della società, le opere della civiltà fomentano pure le energie, eccitano il coraggio, creano gli eroi. Non è il momento di dubitare, quando la conquista pacifica dell'aria sceglie così largamente le sue vittime fra i più giovani e più coraggiosi.

Coloro i quali credono che le rudi prove siano necessarie per temprare i cuori si rassicurino. Anche quando la tromba guerresca, il cui suono diventa più raro nel mondo, avrà cessato di chiamare le razze alla carneficina, l'umanità non rischierà d'addormentarsi nelle delizie d'una nuova età dell'oro; Astrea non discenderà dallo zodiaco per educare gli uomini al dolce benessere di una eterna primavera e il miele non scorrerà in ruscelli dal tronco delle querci antiche. Lo sforzo, il duro sforzo sarà ancora necessario all'infelice umanità. L'arte, l'arte stessa, che sembra tutta gioia e sorriso, non ha forse i suoi martiri e, perfino nei suoi giuochi più leggeri, non domanda a coloro, che le sono devoti, i sacrifici crudeli e talvolta sanguinosi?

Se la lotta per la morte è pericolosa, la lotta contro la morte non offre pericoli meno temibili. Io ne chiamo a testimonia la memoria dei medic', degli scienziati, degli inventori, di tutti gli uomini generosi, che siano morti nel voler alleviare i mali dei loro simili.

Ma esercito per esercito, non soffre dunque tattiche né privazioni, non corre pericoli, non è esposto alle ferite, alla morte violenta il grande esercito dei lavoratori, che costruisce e mantiene con le sue mani il prodigioso edificio della nostra civiltà: operai della terra, delle

miniere, dei metalli, esercito pacifico, esercito benefico, che compie oscuramente a ogni ora, dei prodigi di devozione, di forza e d'intrepidità? Nella pace universale, evvia! non avrebbe sempre quest'esercito i suoi eroi e, purtroppo, le sue vittime!

E voi, gli ultimi amanti fedeli della guerra, voi che l'amate perchè la giudicate nobile, pura, eroica e che la volete conservare per servire le giuste cause, come se essa non servisse sempre nel medesimo tempo la giustizia e l'iniquità, voi davanti ai quali io m'inchino, perchè siete leali, tenete vivo nel vostro animo il ricordo delle sue antiche virtù, quando la spada era l'orbida del mondo. E' per la spada che la guerra fu augusta. Doletevi, rimpiangete la spada: essa non è più. La lama, nuda, che istituiva una specie di diritto della forza, è stata sostituita da una metallurgica e da una pitrotecnica costosa, che subordinano il coraggio dei cittadini alla ricchezza delle nazioni. Bellona oggi non è più una guerriera, è una metallurgia che è una grossa industria che storna e deprava a suo profitto, sterilizza e corrompe il materiale e il macchinario della pace e della civiltà. Uomini allontanatevi da lei!

Cittadini dell'universo, proletari dei due mondi, unitevi per metter fine a questa follia dell'acciaio, più assassina della febbre della battaglia; unitevi per deprimere la mania criminale degli armamenti e salpare il mondo, ora in preda a un male più mortale della guerra: la pace armata.

Anatole France

DOLOROSO!

Amici! Voi che avete dedicato e mente e braccio e cuore alla redenzione dei popoli, voi che alla causa della libertà e al bene di tutti offriste la vita, sapete al pari di me di quali e quanti tormenti siano pieni il cuore e la mente di chi sente.

Tutti sappiamo quanta verità, giustizia e bellezza alberghi nell'essenza della concezione anarchica, e tutti ci lasciamo allettare dalla speranza che un giorno, più o meno lontano, gli uomini potranno vivere in quella società che è cantata dai poeti, profetizzata e propagata dai più dotti pensatori e voluta da tante genti.

Ed è precisamente a speranza, che fa scartare dalla nostra tenace propaganda una parte delle miserie umane.

Ma nelle ore scabrose, nei momenti più duri della nostra esistenza, nei quali la sincerità si dibatte furiosa tra la realtà della vita turpe che meniamo e il prepotente desiderio di una vita migliore, noi vediamo bruta e spaventosa la razza umana, depravata dai vizi di una società corrotta e corruttrice, e allora una bestemmia disperata spontaneamente ci viene al labbro.

Dobbiamo tacerla? Troppe volte la nascondiamo paurosamente nell'io silenzioso e dolente, quasi che l'affermarla ci portasse sventura! Può portare sventura la verità?

Gli anarchici sono sigerci e sinceramente fanno sentire la voce dicente i loro pensieri: tristi e cari, battaglieri, amorosi e odianti.

Col gesto, con la parola, con lo scritto, con tutti i mezzi, a nostra disposizione dobbiamo affermare i multipli sentimenti nostri.

E quando sentiamo il disprezzo per una o più cose, dobbiamo farlo conoscere a tutti. Negli uomini, e più specialmente nell'intimo dei ribelli, risiedono magnanimità grandiose, a molti e troppe volte sconosciute. Chi ridirà i sublimi pensieri, i soavi concetti di tanti?

Conosciamo solo i magnifici scatti di rivolta individuale o collettiva; guardiamo trepidanti di ammirazione quegli individui che stanchi di tranguagliare l'insulto esoso d'una villana società, stanchi di sopportare più a lungo il peso della miseria morale e materiale largita da un sistema tirannico, anelanti di vita, ed avendo dinanzi la morte, si ribellano ed ergono quali Nemesi divine, ed abbattano tutto, distruggono tutto: monumenti, città, tiranni e schiavitù.

Come son belli quei grandi uomini, poco prima languenti e sconosciuti, che con un soffio terribile qual potente bufera, travolgono e seppelliscono nell'inglorioso passato

la secolare viltà, il delitto di tante generazioni!

Noi allora riverenti mandiamo i saluti e scuopriamo il capo.

Compriamo un dovere e lo compiamo con la gioia di vedere una volta tanto trionfare la ribellione, affermarsi l'individuo che anela alla libertà, alla verità, alla giustizia.

Ma vorremmo noi smentire una parte della verità? Nascondendo il disprezzo che divampa anche per coloro che amiamo, e per la libertà dei quali demmo giovinezza, pensieri e forza!

Vorremmo nascondere sempre la nausea che a volte sentiamo per la viltà dello schiavo?

E' triste, è doloroso, ma vero, e bisogna dirlo, io lo confesso così come lo sento ora e come in altra lo dettaglierò.

Coloro che tutto producono sotto la sferza del padrone, i vilipesi, i felici della propria miseria, tutti coloro che baciano la mano di chi li percuote, mi fanno sì compassione, ma — ahimè! — sono depravati, e questa depravazione mi fa schifo, mi ributta!

S. Paulo, 29 3-1913.

Horfanilo.

Se un giorno io vi dicessi che tutti i gatti d'un paese si fossero riuniti a migliaia in una gran pianura; che dopo aver miagolato con rabbia si fossero lanciati furiosamente gli uni sugli altri, facendo uso delle unghie e dei denti e che dal risultato di questa baruffa fossero rimasti sopra il terreno nove o diecimila gatti morti infelando l'aria fino a dieci leghe di circuito, certamente esclamereste: «Ecco qui una delle concezioni più abominevoli che può concepire l'immaginazione». Se i tuhi facessero altrettanto, che grido d'orrore! Se per colmo gli uni e gli altri dicessero che amano la gloria, dedurremmo da ciò che ad essi pare glorioso il distruggere e annichilire la propria specie e come risultato rideremmo di compassione per queste povere bestie!

LA BRUYERE

Che fanno gli uomini!...

N. D. R.

Alle compagne!

Mi avete domandato se sono anarchica? Ebbene sì!

Sono anarchica perchè anarchia vuol dire forza, vita, felicità; oggi che la miseria tutto abbruttisce e degenera l'anarchico è l'unico che non l'accetta supinamente; l'unico che si rivolta contro le turpitudini.

Gli anarchici protestano e lottano per abbattere uno stato orribile di cose più orribili ancora; ed io sono anarchica perchè combatto; perchè voglio far scomparire ciò che ricorda le patrie ove patriotticamente, ci si scanna per il bene altrui, e non solo le patrie, ma pure le «famiglie» quando famiglia, vuol dire rubare al fratello, imbrogliare al padre, ingannare la madre, prostituire e figlie e sorelle.

Sono anarchica, perchè com'è organizzata la società non posso essere felice, essendo che la felicità degli altri ed io voglio vivere godere, amare, il disordine economico acconsente ciò ad una sola condizione... La viltà.

Tutto è nelle mani dell'infame Molok chiamato denaro, con questo tutto si compra e possiede, si gode e prostituisce.

Bisogna far lavorare gli altri se si vuol accumulare. Accumulare: ecco la febbre e gli ideali del XX secolo, arricchire poco importa se la ricchezza costa onore, sudore, sangue al pr ssimo; bisogna arricchire. Io invece sono anarchica odio la ricchezza di quei signori e i loro delitti.

Non voglio le gioie che vengono da essi, e non posso fare quello ch'essi fanno perchè è troppa vile.

Chiunque accetta i vostri sistemi per accaparrarsi una posizione chimerica, chiunque transige, chechè si dica al contrario, non è, non sarà mai anarchico.

Gli anarchici sono tali sempre ed ovunque, in casa e fuori nell'ora dell'entusiasmo e in quella dello sconforto, nella mischia e in carcere, nell'officina e al caffè, gli anarchici sanno soffrire e combattere e odiare e morire per la loro causa, ma transigere mai... Ecco perchè io sono anarchica.

BERTA.

A proposito di uno sciopero Pezo ei facon del Buso

Canzio ha voluto chiarire che non è stato il Sr. Ramenzoni a proporre di fondare la lega dei lavoratori cappellai elargendo il ricavato della multa inflitta agli operai che non hanno voluto lavorare il 13 maggio, perchè lui e altri due amici già da un mese elaboravano loro la lega allora i fondi della multa chi gli ha avuti?... Ma quel sciupalegno che funge da gerente, nella gestazione per far ritornare le pecore all'ovile, non solo aveva proposto di versare il ricavato delle multe in favore della lega, ma bensì aveva ventilato di fare una società interna del personale della fabbrica, aveva proposto a qualcuno che pur che fossero entrati, avrebbero fornito lui i denari ad ogni singolo operaio ricalcitante, o badate che le promesse di quel scinpa-legno non potevano che partire dal padrone — e poi perchè dopo due o tre giorni di sciopero non ne avete fatto oggetto da porre all'ordine del giorno della lega, poichè anche le Oche del Campidoglio sanno che non dieci operai possono ritirare registri, timbri che sono presso l'ultimo cassiere della non funzionante Unione dei Cappellai e agire?... tutto questo non si è fatto o si è fatto male, ed ora almeno bisogna riparare alla meglio e mettere all'ordine del giorno della prossima assemblea la proposta che il ricavato di quella multa vada o no a favore della cassa sociale.

Che si possa essere anarchici e appartenere per forza mangiare ad una lega di resistenza del proprio mestiere lo credo, ma che si possa essere anarchici organizzatori nel senso proletario accettando per beneficio il chinico di stato o il diritto di sciopero coi relativi comizi con alla testa dei dimostranti un picchetto di cavalleria, non è certamente il miglior modo di insegnare ai giovani come si deve trattare e comprendere la questione sociale.

A quanto pare, caro Canzio, siete un operaio energico, ebbene voi non dovete da oggi in avanti agire privatamente e cioè ogni volta che il padrone commette un abuso fatene oggetto di ordine del giorno, pubblicatelo con un avviso privato per ogni fabbrica, non vi incaricate se gli intravenuti alla assemblea sono o non soci in regola e matricolati, e state col responso di quelle riunioni e vedrete che vi torna a pennello l'errore giovanile di Turati. Se avete piacere far la mia conoscenza potete rivolgervi in redazione dove in mostreranno ben volentieri la mia firma.

Un Cappellaio

Evviva Ferrer!

Alfonso di Spagna, che ebbe fretta a sottoscrivere la condanna di morte, del martire Francisco Ferrer, riceve continuamente attestazioni di affetto, che non possono a meno di farlo seriamente pensare.

Nella scorsa settimana mentre transitava per le vie di Parigi, custodito gelosamente dalle guardie repubblicane, dei lavoratori gli hanno gridato in faccia con tutta la forza dei loro polmoni e con tutto lo sdegno che sentono i liberi cuori contro i tiranni dell'umanità: EVVIVA FRANCISCO FERRER!

Quel grido era l'espressione non di un popolo ma di tutti i popoli civili che non sanno dimenticare i martiri del Libero pensiero e a misura che acquistano dignità e coscienza sentono divampare l'odio contro i tiranni ed i parassiti.

Quel grido significava solidarietà verso i poveri prigionieri politici che in gran numero sono rinchiusi nelle prigioni di Spagna, dove gli aguzzini di Re Alfonso li sottopongono alle più feroci torture.

La lotta delle classi sociali cesserà solamente quel giorno che saranno eliminate le ragioni di attrito delle medesime. E le ragioni d'attrito sono appunto basate sui mezzi di esistenza posseduti dai pochi a danno dei più.

G. NIETSCHKE